



ARGENTINA

Batalha campal em Buenos Aires

Confrontos entre a polícia e torcedores de times de futebol que se uniram a protesto de aposentados espalham o caos no centro da capital. Pelo menos 60 pessoas são presas e três agentes ficam feridos

» RODRIGO CRAVEIRO

Torcedores dos principais times de futebol da Argentina deixaram a rivalidade de lado e se uniram a um protesto dos aposentados por melhores condições de vida, por ajustes no benefício mensal e contra as medidas de austeridade fiscal anunciadas pelo presidente Javier Milei. Policiais e manifestantes entraram em choque durante a marcha, que se aproximou do prédio do Congresso da Nação, isolado por barreiras metálicas. Alguns torcedores arrancaram pedras das calçadas e lançaram contra os agentes, além de fogos de artifício e bombas de efeito moral.

As forças de segurança reagiram com spray de pimenta, caminhões com canhão d'água, balas de borracha e gás lacrimogêneo. O jornal *Clarín* divulgou que 60 pessoas foram presas e três policiais, feridos, um deles à bala. A agência de notícias France-Presse publicou que os participantes entoaram cânticos como "Milei, lixo, você é a ditadura!"; "O povo unido jamais será vencido"; e "Que saiam todos!".

"Nos últimos dez anos, perdemos 50% do nosso poder aquisitivo. A nossa capacidade de compra caiu pela metade. Todas as semanas, temos protestado diante do Congresso da Nação", relatou ao *Correio* Eduardo Martínez, 67 anos, integrante do Plenário de Trabalhadores Aposentados.

Ele explicou que, em 2024, o Congresso aprovou uma lei para reparar parte dessas perdas financeiras, mas Milei vetou o texto. "Nas últimas semanas, torcedores de um time local, o Club Atlético Chacarita Juniors, se solidarizaram com a nossa causa, e a polícia voltou a reprimir. As outras torcidas decidiram acompanhar os aposentados. A manifestação de hoje (ontem) foi enorme e importante. A polícia armou todo o desastre repressivo para impedir que a marcha ocorresse."

Luis Robayo/AFP



Policial usa spray de pimenta contra torcedor do Rosario Central: presidente tinha prometido resposta dura

Eduardo Belliboni, 65 anos, líder do movimento Polo Obrero e responsável pela organização de piquetes em Buenos Aires, falou ao *Correio* enquanto marchava com outros manifestantes perto do Congresso da Nação. "Estão reprimindo fortemente os trabalhadores e aposentados. A única resposta que esse governo tem a todas as reclamações é a repressão", declarou, por telefone, enquanto ostentava a camisa oficial do Racing. "Claramente, é um governo contrário aos interesses do povo e à Constituição. Um governo que reprime sistematicamente a nossa luta. Milei comanda uma ditadura."

Belliboni classifica como elemento as demandas dos aposentados. "O salário que recebem é incompatível para viver.

É um valor muito baixo, insuficiente para a alimentação e a compra de medicamentos. Nós, torcedores, temos uma avó, um pai idoso. Há muito sentimento familiar aqui. Na Argentina, temos uma tradição de respeito aos mais velhos", relatou. "Por aqui, vemos camisas de todas as cores. Estamos abraçados com torcedores de eternos rivais, como Boca Juniors, Independiente e River Plate. Todos defendemos os aposentados. Não podemos aceitar a miséria que eles vivem."

"Impressionante"

Aposentada depois de trabalhar por 35 anos como professora, Liliana Kunis, 70, também estava na marcha e contou ao *Correio* que as forças de segurança

estavam dispostas a reprimir o protesto. "Não houve nenhuma provocação. Eu estava na Plaza de Mayo desde as 15h30 e havia um aparato repressivo impressionante, como que para enfrentarmos uma guerra. Nós éramos apenas aposentados.", disse, por telefone, durante a marcha. "A polícia utilizou balas de borracha e caminhões com canhões d'água. Também estão por aqui a Polícia Federal e agentes da prefeitura. Uma máquina mobilizada pela ministra da Segurança, Patricia Bullrich", acrescentou. Na terça-feira, Bullrich divulgou um comunicado em que prometia implementar "medidas estritas" para "garantir a ordem e a segurança pública".

Liliana explicou que vários trabalhadores das indústrias

Arquivo pessoal



Eduardo Martínez, 67: "Nos últimos dez anos, perdemos 50% do nosso poder aquisitivo"

Arquivo pessoal



Liliana Kunis, 70, professora aposentada: "Não houve nenhuma provocação"

gráficas e de borracharia e de call center se somaram ao ato. "É a única opção que têm para reclamar. As centrais sindicais não autorizam absolutamente nenhum protesto de trabalhadores", lamentou. De acordo com ela, a repressão foi "brutal". "O gás lacrimogêneo que utilizaram deixou ardência na pele por até dois dias. Também ataca os pulmões e o coração", relatou.

A aposentada afirmou que os manifestantes exigem um aumento do valor da pensão — hoje em torno de 350 mil pesos argentinos (ou cerca de R\$ 1.890). "O custo de vida exige que nós, aposentados, recebamos 1 milhão de pesos (R\$ 5,4 mil). Além disso, o governo deixou de repassar, gratuitamente, muitos dos medicamentos que usamos."

Tiziana Fabi/AFP



Radiografia confirma melhora gradual do papa Francisco

O estado de saúde do papa Francisco, hospitalizado desde 14 de fevereiro por problemas respiratórios, permaneceu "estável", ontem, de acordo com o último boletim médico divulgado pelo Vaticano. "A radiografia de tórax realizada ontem (terça-feira) confirmou radiologicamente as melhorias registradas nos dias anteriores", acrescentou a Santa Sé. Na segunda-feira, os médicos afirmaram que o prognóstico do jesuíta argentino de 88 anos, que sofre de uma pneumonia bilateral, não era mais reservado e que sua vida não mais corria perigo iminente. Desde sua suíte no décimo andar do hospital Gemelli de Roma, o pontífice continuou com a fisioterapia respiratória e motora. Como nos últimos dias, a Santa Sé informou que o primeiro papa latino-americano recebeu a eucaristia, rezou e participou à distância dos exercícios espirituais organizados no Vaticano para a Quaresma. Na segunda-feira, os médicos explicaram que ele deveria permanecer internado "mais alguns dias". Fiéis (foto) mantêm vigília e orações aos pés de uma estátua do papa João Paulo II, em frente ao hospital.

FILIPINAS

Ted Aljibe/AFP



Familiar com as cinzas de uma das vítimas, em Manila

Duterte é entregue à Corte de Haia

Acusado de ordenar os assassinatos de dezenas de milhares de usuários de drogas e traficantes, o ex-presidente filipino Rodrigo Duterte (2016-2022) foi entregue à custódia do Tribunal Penal Internacional de Haia (TPI) e assumiu a "responsabilidade". "Fui eu que comandi as forças de segurança e o Exército. Disse que os protegeria, e assumo minha responsabilidade", declarou Duterte em um vídeo compartilhado em seu perfil nas redes sociais e no de um colaborador próximo, ao chegar à Corte, na cidade holandesa de Haia.

Os advogados pediram ao tribunal de Haia a devolução do ex-líder às Filipinas, sob a alegação de que o governo de Ferdinand Marcos "sequestrou" Rodrigo Duterte. "O TPI só pode exercer sua jurisdição se o sistema legal de um país não estiver funcionando", disse o advogado Salvador Paolo Pano Jr. aos repórteres, insistindo que o Judiciário filipino "está funcionando corretamente".

Filha de Rodrigo Duterte, a vice-presidente Sara Duterte denunciou que o pai foi levado "à força" para Haia e falou em "opressão". O ex-líder foi detido na manhã de terça-feira, depois que a Interpol (órgão de polícia internacional) recebeu a cópia do mandado de prisão do TPI.

No mesmo dia em que o ex-presidente era apresentado à Corte de Haia, familiares de vítimas da guerra às drogas participavam de um funeral coletivo em Manila, capital das Filipinas. Moradora de Cidade Quezon, Llore Pasco, 70 anos, mãe de Crisanto Lozano, 34, e Juan Carlos Lozano, 31, assassinados pela polícia de Duterte em 12 de maio de 2017, disse ao *Correio* esperar que a declaração do ex-chefe de Estado seja considerada uma admissão de culpa pelo TPI.

"Duterte terá o devido processo legal e teve a chance de se defender, enquanto nossos entes queridos foram mortos", sublinhou. "Estamos felizes, mas não totalmente. O processo levará tempo e enfrentaremos longa batalha. Como mãe de duas vítimas, rezo para que tenhamos uma justiça honesta e justa para nossos entes queridos", acrescentou Llore Pasco. Os corpos de Crisanto e de Juan Carlos foram encontrados na rua.

Por iniciativa de Duterte, as Filipinas deixaram o TPI em 2019, mas o tribunal manteve a competência em relação a crimes cometidos antes dessa data, incluindo os assassinatos ocorridos na cidade de Davao quando ele era o prefeito. O TPI afirmou que existem "motivos razoáveis para acreditar" que 19 pessoas foram assassinadas nessa localidade por membros do "Esquadrão da Morte de Davao", comandado por Duterte. (Rodrigo Craveiro)

GUERRA NO LESTE EUROPEU

Ucrânia e EUA pressionam Putin

Em várias ocasiões, Vladimir Putin declarou-se contrário a um cessar-fogo imediato na Ucrânia. Pressionado pelo ucraniano Volodymyr Zelensky a aceitar a proposta de trégua de 30 dias apresentada pelos Estados Unidos, durante reunião em Jidá (Arábia Saudita), na terça-feira, o presidente russo se vê em uma encruzilhada: mudar de posição e aceitar a pausa nos combates ou prosseguir com a guerra e contrariar a Casa Branca.

"Agora, a decisão é 100% do país (Rússia), porque os EUA demonstraram sua posição. A Ucrânia demonstrou sua posição, e a Rússia tem que responder", declarou Zelensky. Por sua vez, o presidente americano, Donald Trump, disse esperar que "haja um cessar-fogo". "Se conseguirmos, creio que estaremos em 80% do caminho para acabar com esse massacre horrível", afirmou. "Agora, depende da Rússia", acrescentou, ao anunciar o envio do emissário Steve Witkoff a Moscou nesta semana.

Trump admitiu a possibilidade

de impor pesadas sanções contra a Rússia, caso não aceite a proposta dos EUA. "Posso fazer coisas financeiras que seriam muito ruins para a Rússia. Não quero fazer isso porque quero alcançar a paz", disse, ao complementar que houve "mensagens positivas" de Moscou. Dmitri Peskov, porta-voz do Kremlin, prevê para "muito em breve uma conversa telefônica de alto nível entre Trump e Putin".

Ceticismo

Presidente do Comitê de Relações Exteriores do Parlamento da Ucrânia entre 2014 e 2019 e co-fundadora do Centro Internacional para a Vitória Ucraniana (em Kiev), Hanna Hopko afirmou ao *Correio* não acreditar em um cessar-fogo. "Putin quer vencer a guerra. Mas a economia russa está muito fraca, com vários problemas. Putin precisa ganhar tempo. Por isso, ele quer capturar o momento da trégua para obter concessões da Ucrânia. Não se pode alcançar uma paz sustentável sem punir o

agressor", disse. Ela defende outra abordagem para que Putin mostre-se propenso a negociar. "Em primeiro lugar, você tem que impor pesadas sanções em uma etapa de pré-negociação e pressionar a Rússia. Se Trump quer tornar os EUA grandes novamente, tem que demonstrar força e fazer com que Putin pare de atacar a Ucrânia", opinou Hopko.

Para Petro Burkovsky, analista da Fundação de Iniciativas Democráticas Ilko Kucheriv (em Kiev), uma trégua de 30 dias seria positiva para a Ucrânia. "A Ucrânia teria a chance de preservar a soberania absoluta, enquanto pátria", afirmou à reportagem.

O estudioso disse ter "fortes dúvidas" de que Putin aprovará a interrupção dos combates. "A diplomacia russa tentará postergar as negociações sobre o cessar-fogo tanto quanto possível", explicou. Burkovsky avalia que os dobramentos do conflito dependem de Donald Trump. "É preciso saber se ele anunciará mais sanções e se enviará mais armas à Ucrânia" (Rodrigo Craveiro)